

Jornal CLUBE DA BOLINHA

São Paulo, 30 de agosto de 2008

60 anos



O FUNDADOR DIMAS

“Não, não, seremos uns 3, no máximo 4. Mas muito breve espero lotar o salão.”, ouviu de Dimas de Camargo Maia o garçom da pizzaria que lhe perguntou se ele jantaria sozinho. Naquele início de noite de 30 de agosto de 1948, sem se dar conta disso, esse profissional anônimo, de certa maneira, ouviu uma profecia.

Naquele momento, Dimas falava, também ele sem saber se aquilo daria certo e muito menos da dimensão que atingiria, da formação do Clube da Bolinha. Sentando a mesa tinha a firme intenção de reunir colegas para enfrentar as dificuldades atravessadas pelo setor de seguros na época. Esta situação o incomodava fortemente, já que sua vida fora até então, e seria posteriormente, inteiramente dedicada à atividade.

Dimas nasceu em São Paulo, no dia 23 de junho de 1913. Aos 15 anos, já trabalhando desde os 11, iniciou sua relação com o setor no Comitê Misto Paulista de Seguros, mais tarde transformado em Sindicato das Empresas de Seguros Privados e de Capitalização do Estado de São Paulo. Anos após, foi um dos diretores da entidade.

Em seguida, foi para a empresa S. Magalhães e Cia., com sede em Salvador e foi agente da Cia. de Seguros da Bahia, em São Paulo.

Em 1935 se transferiu para a Adriática de Seguros, companhia italiana, com sede em Trieste, onde permaneceu até 1942.

Naquele ano foi para a Home Insurance, representada pela empresa Eric Sadler. Cuidava exclusivamente de seguros para a cultura de algodão da empresa americana Mac Fadden. Entre suas funções, na entressafra, visitava as plantações e os depósitos, estudando alternativas para melhorar as garantias e diminuir os custos. Especializou-se nesse tipo de seguro e obteve o diploma de Técnico de Seguros, outorgado pelo Conselho de Representantes da Federação dos Seguros, em 1957.

Foi diretor do Sindicato das Empresas de Seguros Privados e de Capitalização no Estado de São Paulo. Durante a presidência do Dr. Oswaldo Castro Santos, recebeu convite para apresentar um trabalho para modernizar os regulamentos do órgão e atender melhor as necessidades das Companhias. O resultado desse projeto é adotado até hoje.

Aposentou-se em 1972, na Porto Seguro.

Paralelamente ao trabalho desenvolvido para as muitas companhias onde atuou, Dimas se preocupava com os rumos tomados pelo setor. E não se tratava apenas de instinto de preservação, na verdade ele já havia percebido

o importante papel social e econômico que o seguro poderia desempenhar para o país. Ele temia que a disputa por mercado, como era praticada no final dos anos 40, acabaria por desmoralizar a atividade e inviabilizar os benefícios coletivos que ela poderia oferecer.

Esses sentimentos levaram Dimas à pizzaria Telêmaco, na Avenida Ipiranga, naquela noite de 30 de agosto de 1948 onde teve a conversa com o garçom anônimo. Horas mais tarde, discursava para os amigos Humberto Felice Júnior e João de Paula Souza Cabral, que ocuparam apenas 3 lugares na mesa e não os 4 da previsão otimista:

- Amigos, precisamos de soluções, por que as palavras já se gastaram. Vamos fundar um Clube, em que possamos debater com a franqueza dos amigos os nossos problemas comuns. Vamos tentar, amparados pela amizade, superar os obstáculos que enfrentamos?

O resto é história.

Dimas manteve-se como reitor por 11 anos, entre 1948 e 1959. Um período incomum para os mandatos de dois anos adotados posteriormente. Sobre isso foi questionado com bom humor pelo jornalista Manoel Teixeira de Carvalho Filho, o Nelito.

- Uma ditadura Dimas?

- Não, não. É que o Clube era pequeno, os Bolinhas achavam que eu devia ficar e eu ia ficando. Não, é claro, por nenhum apêgo ao poder – que poder? – mas é porque o Clube



Dimas de Camargo Maia

sempre foi parte da minha vida. Até o dia em que eu mesmo achei que era necessária, imprescindível, a renovação.

A iniciativa de Dimas foi adotada por profissionais de outros estados e hoje existem Clubes da Bolinha por todo o Brasil.

Em uma das reuniões que juntam Bolinhas de todo o país, realizada no Rio de Janeiro, em 1965, o Clube de Minas Gerais propôs a concessão do título de Magnífico Reitor Nacional a Dimas Camargo Maia. A sugestão foi aceita por unanimidade, como deve ser na tradição bolinha. Na reunião do ano seguinte, por sugestão dos Bolinhas paranaenses, Dimas foi promovido a Magnífico Reitor Nacional Vitalício, posição que ocupou e honrou até a sua morte em 20 de setembro de 2002.

Unindo o Seguro no Brasil

Companheirismo, Ética e Solidariedade. Há 60 anos, Dimas de Camargo Maia concluiu que era necessário fazer uma aproximação baseada nesses três valores entre os profissionais do setor de seguros no Brasil. Raciocinou que um espaço para relacionamento pessoal entre esses agentes, além dos benefícios sociais, estimularia a confiança e a transparência nos negócios. O sexagésimo aniversário do Clube da Bolinha do Estado de São Paulo comprova que ele estava correto.

Durante esses anos, os protagonistas da atividade seguradora no Brasil frequentaram o Clube da Bolinha. Atualmente, 91 deles são membros ativos e exercitam, em encontros mensais, os ideais almejados por Dimas em 1948.

Os jantares da última terça-feira de cada mês reúnem um público de alto nível intelectual que tem em comum sua paixão pelo mercado de seguros. Em um ambiente descontraído, onde são privilegiadas as amenidades, ocorre a oportunidade para a troca de idéias e experiências profissionais. Esse intercâmbio é extremamente positivo para o desenvolvimento do mercado e permite o conhecimento de idiossincrasias próprias que facilitam o contato no dia-a-dia dos negócios.

Esses resultados foram alcançados principalmente porque nesse mais de meio século de história, os membros respeitaram uma regra fundamental do clube: o rigor na seleção dos novos bolinhas. Essa atitude garantiu a frequência de uma elite de executivos que,

além dos abundantes conhecimentos técnicos, contribuem com seu comprometimento com a ética e o avanço do mercado como um todo. Essa conduta coletiva impediu que os encontros se tornassem oportunidades para a realização de negócios em benefício próprio e garantiu a credibilidade e a penetração das idéias nascidas no Clube da Bolinha.

O sucesso motivou iniciativas semelhantes em vários outros estados brasileiros, que criaram seus Clubes da Bolinha e exercitam a mesma filosofia de Companheirismo, Ética e Solidariedade imaginada por Dimas há 60 anos. Essa disseminação do conceito é mais um motivo de orgulho para os Bolinhas paulistas em seu aniversário.

Com os objetivos já consolidados, a meta atual do Clube da Bolinha é manter sua independência, cuidar para que continue sendo um espaço de liberdade de expressão para seus membros e um incentivador do mercado nacional de seguros que, acreditamos, é um importante instrumento de desenvolvimento social.

Temos, portanto, muito o que comemorar nessa data. As contribuições do clube para o mercado são visíveis neste momento de ascensão do setor e quando já é possível notar os benefícios dos seguros para a sociedade como um todo. Apesar disso, sobretudo é necessário celebrar as grandes amizades criadas e os momentos agradáveis resultantes deste convívio de 60 anos.

Clube da Bolinha

Os Bolinhas e a história do Seguro no Brasil

Acompanhe a linha do tempo.



Dimas de Camargo Maia	Humberto Felice Júnior	Ozório Pâmio	Seraphim Raphael Chagas Góes
1948/1959	1959/1961	1961/1963	1963/1965
(1964) – Criação da Lei nº 4.595 da Reforma Bancária que instituiu o Banco Central e classificou as seguradoras como investidores institucionais. Criava também o Conselho Monetário Nacional.		(1953) - Para fugir do controle do IRB, as companhias sentiram a necessidade de apoiar uma à outra, de trocar negócios. Faziam então o co-seguro para fugir do resseguro do IRB.	

Uma tradição de 60 anos

Como em 2008, há 60 anos, no final de agosto, o mundo acabava de acompanhar uma olimpíada. Os jogos de Londres, em 1948, restabeleceram a periodicidade do evento interrompida por oito anos pela 2ª Guerra Mundial. Na ocasião, o Brasil ganhou apenas uma medalha de bronze com a grande equipe de basquete masculino e, como promessa, viu a estréia discreta de um jovem atleta que se tornaria uma lenda do esporte nacional: Adhemar Ferreira da Silva.

Ainda na esfera esportiva, o país, como hoje, se preparava para receber a Copa do Mundo de futebol. Sobre isso, a imprensa afirmava que os preparativos estavam em “passos de tartaruga” e os dirigentes da FIFA se encontravam “muito preocupados” com a situação.

Na política, crescia a mobilização sob o slogan “o petróleo é nosso”, movimento que culminou na criação da Petrobrás. Sessenta anos depois, os brasileiros assistem a uma discussão semelhante em torno da descoberta de novas bacias petrolíferas na chamada camada pré-sal do litoral. Como da primeira vez, o debate pode resultar na criação de uma nova estatal. Na macroeconomia, havia grande déficit público, as despesas do Governo não paravam de aumentar e a inflação era a principal preocupação.

Todas essas coincidências, no entanto, não se aplicam ao mercado de seguros. Em 1948, os negócios nessa área estavam igualmente aquecidos por conta da acelerada industrialização do país, mas os métodos eram pouco desenvolvidos e vários agentes não se importavam com conceitos como ética e respeito às regras. Sobre isso, o jornalista Manoel Teixeira de Carvalho Filho, o Nelito, em seu relato histórico sobre o Clube da Bolinha, afirmou que “existiam seguradoras que aceitavam riscos sem a intenção de cobri-los em caso de sinistro” e que, por isso, as companhias nacionais “eram preteridas pelas estrangeiras, que gozavam de mais credibilidade”.

A conduta reprovável de boa parte do mercado, aliada a uma legislação confusa, criou um ambiente predatório e desorganizado. Isso preocupava o executivo da Home Insurance, Dimas de Camargo Maia. Apaixonado pela atividade seguradora, onde iniciou a atuação aos 15 anos, percebeu que era necessário tornar o setor mais saudável e, para isso, a iniciativa deveria partir dos profissionais do ramo, ou pelo menos por parte daqueles bem intencionados.

No dia 30 de agosto de 1948, Dimas convidou os colegas Humberto Felice Junior e João de Paula Souza Cabral, ambos executivos da North British, para um jantar na Pizzaria Telêmaco, na Avenida Ipiranga. Era uma terça-feira, e por isso o dia da semana é observado até hoje pelos Bolinhas em seus encontros mensais.

Naquela noite, há 60 anos, Dimas compartilhou suas preocupações com os amigos e propôs: “Vamos tentar, amparados pela amizade, superar os obstáculos que



Reunião do Clube da Bolinha em 1953

enfrentamos?”. Estava, então, fundado o Clube da Bolinha do Estado de São Paulo que, naquele dia, ainda não tinha nome. Por outro lado, imediatamente foi instituído um lema bem definido: “Companheirismo - Ética - Solidariedade”.

A idéia era aproximar as pessoas com capacidade de decisão no mercado de seguros para que, por meio de um contato mais próximo e, propositalmente, descontraído, houvesse colaboração para o desenvolvimento do mercado.

Sessenta anos depois, o Bolinha Celso Luiz de Paiva comprova os resultados. “A convivência facilita a comunicação no dia-a-dia das nossas relações profissionais”, afirma. Na mesma direção, Jabis de Mendonça Andrade avalia que “o Clube permite o encontro das pessoas que estão dirigindo uma parte significativa do mercado de seguros e, nesses encontros, com toda a informalidade, é possível conhecer novas idéias e defender opiniões pessoais, em um ambiente descontraído”.

Dimas lembrou, vários anos após aquela noite em 1948, segundo o jornalista Nelito, que a iniciativa foi progressivamente ganhando adeptos. “Chegaram Giovanni Meneghini, Ozório Pâmio, Alberico Ravedutti Bulcão, Dalton de Azevedo Guimarães, Décio Costa, Gilson Cortines de Freitas, Seraphim Raphael Chagas Góes...”

ORGULHO

Além do tripé Companheirismo – Ética – Solidariedade, também é preciso apontar outra característica que mantém o grupo, o orgulho de ser Bolinha. Nada comprova melhor isso que os versos que Wilson Bertoche utiliza para expressar seu sentimento em relação a isso:

“Se não estiver tudo certo

lá em cima quando eu me for,

um whisky acolhedor

de gelinho bem coberto,

e bons amigos por perto,

só de pensar me comovo,

eu juro pelo meu povo,

nem todo céu me segura

retorno a terra ternura

pra ser ‘Bolinha’ de novo.”

Gilberto Tarquínio Bittencourt

1965/1967

(1966) – Foi permitido às seguradoras a efetuar cobrança bancária dos seguros, o que trouxe mais liquidez às seguradoras.

José de Miranda Albert

1967/1969

(1968) – É criada a Fenacor, por meio da reunião dos sindicatos de corretores dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Pernambuco.

Arlindo Augusto Alves

1969/1971

Marcos Pochon

1971/1973

(1970) – José Lopes de Oliveira, à frente do IRB, trouxe para o mercado brasileiro riscos que antes eram totalmente colocados no exterior: seguros de transportes de mercadorias importadas pelo Brasil, seguros de navios, aviões, garantia e responsabilidade civil.

Ângelo Bortoletto

1973/1975

Gilson Cortines de Freitas

1975/1977

(1974) – Cumprindo com todas as exigências das autoridades britânicas, o IRB recebeu autorização para realizar o underwriting diretamente no mercado londrino.

Ângelo Arthur de Miranda Fontana

1977/1979

Seleção

NOTAS

Academia

Após a fundação, o crescimento do Clube da Bolinha em número de participantes foi lento. Em 1951 eram apenas treze membros. Esse aumento cauteloso, porém, deveu-se à oferta seletiva e não à escassez de procura. Desde o início foi instituído um rigor espartano para a inclusão de novos membros. Já adotado o sistema de bolas brancas e pretas para a eleição, o regimento interno do grupo (batizado de decálogo) tinha como primeira regra:

“O Clube da Bolinha terá número ilimitado de membros, devendo a admissão ser feita mediante votação unânime dos associados presentes às reuniões privadas”

Essa exigência por unanimidade dificultou a admissão de novos Bolinhas. Isso, no entanto, não parecia incomodar os membros do Clube, como relatou Alberico Ravedutti Bulcão ao jornalista Nelito.

“Éramos, então, uns 12 ou 13 Bolinhas, muito orgulhosos disso, elitistas mesmo. Parece-me hoje que nos dava uma certa importância o poder do veto, o poder de, qual deuses, definir quem era bom e quem não era. Talvez por isso temíamos, cada um de nós, apresentar candidatos a ingresso na sacrossanta confraria. Lá um belo dia, um companheiro ousou indicar um tradicional segurador de então. Quem sabe precisasse urgentemente de uns “cossegurinhos”. No jantar em que rolariam as bolas, um outro companheiro, inflamado até, fez o elogio do candidato. Ouviram-se até palmas. Finalmente, a votação, secreta, e rolaram as bolinhas. Todas pretas. Absolutamente pretas. Foi um vexame”.

Nesse caso, mesmo o Bolinha que apresentou o candidato e aquele do discurso inflamado em

favor do postulante, na hora de escolherem a bolinha, qual deuses, concluíram que o colega não reunia as qualidades necessárias para fazer parte do grupo.

No início do Clube, sabiamente os membros criaram um dispositivo para evitar que “vexames” como o relatado por Alberico provocassem constrangimento a profissionais notoriamente respeitados pelo mercado. Havia, para isso, a figura do sócio “cartola”, reservada a essas pessoas que passavam a fazer parte do clube automaticamente. “A estes era convencionalmente vedado ser propostos para ingresso à incipiente confraria de então e concorrerem à sorte das bolas brancas e pretas”, explicou Humberto Roncarati, ele mesmo um dos “cartolas”.

Na segunda metade dos anos 60, esse acesso restrito passou por um questionamento objetivo. Em 1966, os bancos passaram a atuar no setor de seguros. A questão que se apresentou foi a seguinte: “Podem seguradores de bancos serem sócios?”. A discussão foi acalorada e terminou com o argumento de Joaquim Antonio Borges Aranha.

“- E por que não? Seremos nós os únicos puros neste vale de lágrimas? Seremos, todos e ao mesmo tempo, umas Madres Terezas de Calcutá?”

Assim, os colegas dos bancos passaram a ser admitidos.

Logo em seguida à “questão bancária”, veio a “questão juventude”. E os jovens que se destacam no mercado? Podem ser Bolinhas, ou o Clube deve manter-se restrito às figuras mais tradicionais e experientes? Novamente uma ponderação inquestionável de Francisco Latini encerrou o assunto.

“- Se nos fecharmos muito, mais breve do que talvez possamos esperar, certamente seremos apenas uma saudade”.

Em 2008, o reitor no período entre 2001 e 2003, Michal Jerzy Swierczynski, concorda com o argumento de Latini e cita a renovação como uma das suas principais realizações a frente do grupo. “Na minha gestão como reitor do Clube, tive como objetivo trazer os talentos jovens do mercado segurador, o que foi concluído com sucesso e seguido pelos meus sucessores. Hoje temos, não somente aqueles profissionais mais antigos e com muita experiência, mas também os jovens trazendo as mudanças e idéias inovadoras”.

Além dessas flexibilizações, logo a exigência por unanimidade na eleição se transformou em 2/3 das bolas brancas que, atualmente, permitem a entrada de um novo membro. Tudo isso, de maneira alguma, diminuiu o respeito pela seletividade. Na opinião de Farid Eid Filho, Bolinha há 18 meses, o principal objetivo do grupo é “manter a tradição da elite securitária”. Após 60 anos, continua difícil se tornar um bolinha.

De qualquer maneira, o número de associados cresceu ao longo dos anos. Em 1989 eram 57 bolinhas paulistas, em 2008 são 91. E o tradicional rigor na seleção também não tem impedido a busca pela diversidade. “Precisamos unir forças para aumentar o número de membros femininos em nosso clube”, sugere o Bolinha Celso Paiva. Na agremiação paulista já são dois, Christina Roncarati e Therezinha Corrêa. Trata-se, portanto, do Clube da Bolinha e não “do” Bolinha.

Desde o início, os fundadores acreditavam estar construindo mais que um grupo de convívio social para facilitar a interação profissional. Estavam certos da capacidade de seus encontros resultarem em tendências e novas práticas de relacionamento profissional e pessoal. “Estávamos assim criando uma faculdade, ou melhor, uma academia de respeito e solidariedade humana, daí o nosso Magnífico Reitor, ao invés de simplesmente presidente”, explicou Dimas.

Além do título acadêmico utilizado pelo principal dirigente, o Clube também oferece um diploma aos novos integrantes onde se destaca a trilogia: Companheirismo – Ética – Solidariedade.

Como se vê, a experiência no Clube da Bolinha sempre foi observada como um estágio importante na formação profissional, uma etapa do aprendizado, e assim é tratado por seus membros. “Acho que na vida de um executivo de ponta do mercado de seguros, a passagem pelo Bolinha é meio que obrigatória. Caso contrário, vai parecer que falta algo em sua carreira”, avalia Farid Eid Filho.

Sessenta anos é muito tempo

Antonio Penteadó Mendonça
Bolinha e Titular da Academia
Paulista de Letras

É bom escrever que o Clube da Bolinha completa 60 anos. Aniversário é parte da vida, e ficar mais velho não significa decair, no sentido pejorativo do termo, mas crescer, no sentido grego (histórico e filosófico) do termo. Para os gregos o homem mais velho era o sábio com direito a assento no conselho. Em sua visão do mundo a sabedoria é a melhor conselheira, enquanto o saber algo irremediavelmente amarrado a noção de tempo. De passagem do tempo, de aprendizagem com a vida.

Para os padrões atuais, o ser humano com sessenta anos de idade não pode mais ser considerado velho. Está longe disso, com pelo menos outros respeitáveis vinte anos para serem bem aproveitados. E ainda bem que é assim, afinal, todos caminhamos nesta direção, e a outra única opção é muito pior.

Mas para as instituições, empresas, clubes e agremiações em geral o mundo moderno se tornou cruel. Um dia nunca é igual ao outro e até mesmo as histórias de sucesso podem desaparecer, engolidas numa fusão, numa

compra, ou abafadas porque simplesmente envelheceram ou perderam o sentido original.

Para eles sessenta anos é muito tempo, quase uma eternidade. Poucos chegam a esta idade, pelo menos com as características pensadas quando da sua constituição. Não que seja errado, mas pode ser triste. Quantas empresas pulsantes e poderosas há vinte anos, hoje são apenas lembrança e caso para estudo nas universidades. Bancos sólidos, indústrias de peso capitaneadas por nomes de mais peso ainda, lojas grandes e pequenas, escritórios renomados, prestadores de serviços em geral, clubes, associações, quantos tiveram seu momento de glória e depois, passaram, incapazes de fazer frente a um futuro invariavelmente inesperado.

O Clube da Bolinha chega aos sessenta anos de idade. Ao contrário de tantas outras instituições originadas da atividade seguradora, chega forte, esbanjando energia e com vontade de viver pelo menos outros sessenta.

Com certeza não é mais o clube informal pensado por um grupo de homens do mercado de seguros para reunir os principais dirigentes das companhias então existentes e permitir o planejamento extracurricular da atividade,

através da discussão de propostas e soluções para melhorar o desempenho do segmento e fortalecer as seguradoras.

Atualmente, o Clube da Bolinha tem personalidade jurídica, CNPJ, sede, declara imposto de renda e - pasme! - tem mulheres entre seus associados!

Quem nos seus primórdios poderia imaginar mudanças desta magnitude? Verdadeiros terremotos, riscos com certeza declináveis pelas companhias de então.

E, no entanto, as evoluções foram acontecendo, naturalmente, numa seqüência lógica e irreversível, com eventuais traumas minimizados pelas mudanças da percepção do mundo. E o Clube da Bolinha que poderia ter deixado de existir ou de ser o que ele foi pensado para ser, continua firme e forte, reunindo seus associados, religiosamente, uma vez por mês.

Ao chegar na marca histórica dos sessenta anos de idade, ele mostra uma pujança e uma vitalidade dignas de seus melhores tempos, quando o clube tinha o poder de interferir nos destinos do mercado, indicando diretores para o sindicato das seguradoras, para a Federação e até mesmo para o então todo poderoso IRB.

Se o Clube da Bolinha mudou - e ele mudou -, as mudanças não significaram abrir mão dos ideais maiores que desde sua criação sempre

pautaram sua existência. Pelo contrário, as mudanças foram implantadas exatamente para permitir ao Clube da Bolinha manter-se fiel ao ideário de seus criadores e de todos os outros que ao longo destas seis décadas fizeram, e fazem, parte de seus quadros. Sem elas o clube teria se mumificado, e se existisse seria apenas uma caricatura do que foi.

Por evoluir no tempo, chegamos hoje ao aniversário de sessenta anos do Clube da Bolinha. Muita gente é parte desta história. Exatamente por isso não citei um único nome. Cada um à sua maneira, todos os sócios que já partiram deram sua contribuição, tiveram sua importância, lutaram por ele. E os que estão aí, hoje, continuam carregando a mesma bandeira, imbuídos das mesmas crenças e das mesmas certezas que fazem do mercado segurador brasileiro um campo de trabalho único, pela importância da missão, pela grandeza de seus ideais e pela postura ética responsável pelo pagamento de mais de 98% dos sinistros sem qualquer tipo de problema, ou demora.



Fernando Expedito Guerra

1979/1981

(1978) – O IRB inicia sua operação em Nova York, para tanto se estruturou, por exigência da legislação local, como uma empresa com capital de US\$ 25 milhões - a UAIC (United Americas Insurance Company).

Francisco Paschoa

1981/1983

Dálvares Barros de Matos

1983/1985

(1979) – A instituição do seguro era fiscalizada pelo CMN desde 1964 e, em 1979, passou para a responsabilidade do Ministério da Fazenda.

Sérgio Túbero

1985/1987

(1987) – João Régis dos Santos, à frente da SUSEP, aprova com muita dificuldade no CNSP a indexação dos contratos de seguros.

Joaquim Antonio Borges Aranha

1987/1989

Fernando Nelson Piazza

1989/1991

(1988) – Clube da Bolinha comemora 40 anos.

Octávio César do Nascimento

1991/1993

(1990) – Lei nº 8.078 cria o Código de Defesa do Consumidor.

Informalidade e “gestão mão de vaca”

Como explica o atual reitor, Ronaldo de Oliveira, “o Clube não tem fins lucrativos e todos os associados efetuam mensalmente uma contribuição que possibilita a realização de um jantar”. As atividades do grupo, portanto, dependem de um orçamento franciscano.

Esta característica pecuniária desenvolveu o saudável hábito nos Bolinhas de, digamos, evitar desperdícios. Farid Eid Filho, membro do clube há menos de dois anos, já incorporou a filosofia e ilustra com um fato interessante. “Me lembro do Dr. Julio Bierrenbach dando uma bronca no garçom do Restaurante Rodeio por ele abrir garrafas de vinho enquanto ainda haviam várias pela metade na mesa. É um espírito de economia que eu concordo e apóio”.

Em alguns momentos esse “espírito de economia” foi incorporado como política de gestão. Conta Celso Paiva, que já foi responsável pelas finanças do Clube.

“Na gestão do reitor Paulo Marraccini, da qual tenho orgulho de ter participado como tesoureiro do Clube, fazendo a transição entre o nosso inesquecível membro Sr. Fernando Luz e o atual Fernando Simões, eu e o então secretário, José Roberto Loureiro, éramos tão ‘murrinhas’ com os gastos, que no dia que passamos o bastão para a diretoria que nos sucedeu, o Paulo, usando da liberdade e amizade que une o trio até hoje, declarou em uma roda de amigos Bolinhas: ‘Se mais não fiz pelo Clube, foi porque na minha Diretoria eu tinha dois freios de mão puxados e não consegui acelerar em nenhum momento’. Ou seja, devolvemos o caixa com mais recursos do que recebemos. E ficamos conhecidos no Clube como ‘gestão mão de vaca’. Mas valeu tudo.”

De certa maneira, essa aversão à ostentação preserva a tradição de um clube que nasceu em uma pizzaria popular no centro de São Paulo e tem por hábito realizar suas reuniões em “qualquer bom boteco”, como definiu o jornalista Nelito em seu relato histórico.

Essa conduta também demonstra outra característica fundamental, a informalidade. Sobre isso, o ex-reitor Michal Jerzy Swierczynski lembra de um fato interessante. “Um dos nossos sócios, que era Vice-Presidente de uma das grandes seguradoras do mercado, tornou-se conhecido no Clube por jogar uma bandeja no chão sempre que precisava ‘dar um recado’ aos demais”. Por essa atitude, é possível imaginar a disciplina observada pelos presentes durante os encontros.

Diante disso, é certo que se depender de equilíbrio nas contas e descontração os próximos 60 anos do Clube da Bolinha estão mais que garantidos.



Dimas (centro) e Ozório Pâmio (direita) foram ao Catete exigir um paulista no IRB

Os Bolinhas vão à Vargas

O atual reitor do Clube da Bolinha, Ronaldo Oliveira, explica que o grupo “não possui fins políticos” e não tem como objetivo interferir nessa área. Apesar disso, pelo menos uma vez em sua história os membros decidiram utilizar seus contatos e sua representatividade para corrigir o que eles consideravam, naquele momento, uma injustiça cometida pela administração pública. O ano foi 1954.

Criado em 1939, o IRB era uma instituição muito importante para todo o mercado de seguros. Era comandado por um Conselho Técnico que permitia a inclusão de 3 membros indicados pelas seguradoras. Por se tratar de uma instituição estatal, a escolha desses profissionais, no entanto, dependia da ratificação do então presidente Getúlio Vargas, que indicava os eleitos a partir de uma lista com múltiplas opções.

Por sua proximidade com o presidente (a capital do país era ainda no Rio de Janeiro), as seguradoras fluminenses conseguiam influenciar para que os técnicos escolhidos sempre fossem representantes de companhias daquele estado. Essa situação foi considerada injusta pelos seguradores paulistas, principalmente observando que o estado de São Paulo já respondia por mais de 50% dos prêmios. Decidiram agir.

“Os Bolinhas, em reunião, designaram o paulista Dalton de Azevedo Guimarães como seu candidato para o Conselho Técnico. Pareceu-lhes ousadia, mas persistiram”, lembrou em depoimento Humberto Roncarati. Constituíram então uma comissão para conduzir o delicado projeto.

Após várias deliberações, o grupo concordou que o canal mais indicado para fazer chegar seu pleito ao presidente era o então Ministro

das Relações Exteriores, Vicente Ráo, que era paulista e amigo de Roncarati.

“Fui ao Rio de Janeiro com Dimas, Dalton e Pâmio e dali diretamente para o Itamaraty sem a formal prévia audiência. No salão da recepção nos identificamos e justificamos nossa presença. Entregamos nossos cartões de visita e pedimos que fossem levados ao ministro. Minutos depois ingressamos em seu gabinete. Apresentei os colegas e lhe relatamos a reivindicação, razão da nossa visita. Depois de ter feito perguntas, o ministro tomou nota do nome de Dalton e respondeu: Está nomeado.”, contou Roncarati.

Após anos de predomínio fluminense, o representante paulista Dalton de Azevedo Guimarães foi nomeado para o Conselho Técnico do IRB. E assim se deu a breve, porém bem sucedida, incursão do Clube da Bolinha na política.

EXPEDIENTE:

CLUBE DA BOLINHA

Reitor: Ronaldo de Oliveira

Secretário: Artur Luiz Souza dos Santos

Tesoureiro: Fernando Simões

Fontes: Livro "Unindo o Seguro no Brasil", de Manuel Teixeira de Carvalho Filho e Arquivo pessoal da Família Roncarati

Produção Editorial e Diagramação: Fundamento Comunicação Empresarial



Antonio Carlos Ferraro	Alfredo Carlos Del Bianco	Francisco Paschoa	Luiz Antonio Negrissoli Ramos de Oliveira	Michal Jerzy Swierczynski	Paulo Miguel Marraccini	Jorge Bento da Silva	Ronaldo de Oliveira
1993/1995	1995/1997	1997/1999	1999/2001	2001/2003	2003/2005	2005/2007	2007/2009

(1994) – É aprovada a PEC nº 53 - proposta de emenda constitucional - que aprova a quebra do monopólio do resseguro pelo IRB.

(1998) – Clube da Bolinha comemora 50 anos.

(1998) – É aprovada a Lei 9.656 que regulamentou o setor de saúde pricadaigualando a concorrência entre planos e seguros saúde.

(2002) – o Supremo Tribunal Federal julga a Adin contra a Lei 9932 e devolve ao IRB os poderes de fiscalização.

(2007) – O Governo aprova um decreto-lei que estabelece normas de informação aos beneficiários de seguros de vida e de acidentes pessoais, ou de operações de capitalização, bem como um registro central destes seguros.

(2008) – O resseguro é oficialmente aberto no Brasil